

ANAIIS LEIRIENSES

estudos & documentos

16

EDIÇÃO EVOCATIVA
DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL DE 1974

ABRIL DE 2024

 Hora de ler



Título: ANAIS LEIRIENSES – estudos & documentos – 16

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes

(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Conselho Consultivo: António Valério Maduro, Cristina Nobre, Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, João Bonifácio Serra, João Pedro Bernardes, Luciano Coelho Cristino, Manuel Augusto Dias, Mário Rui Simões Rodrigues, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: ANAIS LEIRIENSES – 16

 **Hora de ler**

© Hora de Ler, Unipessoal Lda.

Urbanização Vale da Cabrita
Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.

2410-270 LEIRIA - PORTUGAL

e-mail: horadelercf@gmail.com

Telef.: 244212003 - Tlm: 966739440

Facebook: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064511627320>

Revisão e coordenação editorial: autores e Hora de ler

Montagem e concepção gráfica: Hora de ler

Impressão: Artipol - www.artipol.net

1.ª edição: Abril 2024

Edição 1199/24

Depósito Legal: 454238/19

ISSN: 2184-4135

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Isolina Alves Santos, poeta popular de Pedrógão Grande

*José d'Encarnação**

Nasceu a 28 de Julho de 1921, na Maranhosa, Pedrógão Grande. Não estudou. Ficou órfã ainda menina: «Sozinha, sem pai nem mãe, / Foi assim a minha infância». Levou, por isso, a vida habitual na altura: «Fui pastora, guardei gado, / Passei fome e passei frio. / Comi pão amargurado, / Sentada à beira do rio».



Como tantas mulheres da província, acabou por vir para a zona do Estoril, tendo servido como doméstica. Do seu estro se dirá de seguida; por agora, referir-se-á que os últimos anos de vida, quando já não conseguia ser autónoma, esteve no Lar do Centro Social Paroquial de São Vicente de Alcabideche, onde viria a falecer a 28 de Julho de 2014.

De enorme simplicidade e de intensa fé, Isolina Alves Santos escreveu, aos 87 anos, o poema “Sem valor”, para ser lido no dia do seu funeral, em que se despede de todos com gratidão, proclamando a sua fé em Deus e Nossa Senhora, pedindo que por ela não chorem, porque, para ela, a caminhada fora cumprida.

O poema foi lido no começo das exéquias, celebradas pelo Padre David Bernardo, Director dos Salesianos de Manique, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, em Bicesse (localidade onde Isolina viveu e onde um jardim com o seu nome a perpetua), e antes de seu corpo descer à terra, na quarta-feira, dia 30, no cemitério de Trajouce. Aliás, teve o Padre David palavras de muito

* Professor catedrático aposentado.

O autor não segue as regras do novo Acordo Ortográfico.

apreço pelo enorme e sentido exemplo que a defunta nos deixa, consubstanciado nos muitos versos dos seus livros.

A história duma poeta

Sob o título «Lugar à poesia – Duas curiosas cartas», publicou-se na p. 3 da edição de *Jornal da Costa do Sol* de 18 de Agosto de 1988, a seguinte carta:

«Sr. Director. Em primeiro lugar, peço desculpa por esta maçada. Vou enviar-lhe aqui uns poemas de minha autoria, dos muitos que tenho feito. Vou mandar por uma amiga por não poder ir pessoalmente por motivos familiares. Mando a conselho do Sr. Vereador da Cultura de Cascais, cuja carta vai junto.

Agora, vou falar um pouco de mim. Tenho 67 anos, nunca andei na escola. Aos 7 anos já era pastora. Fui camponesa. Vim para o Estoril aos 20 anos. Sempre trabalhei. Agora estou reformada, mas continuo a escrever poemas. É o que eu gosto. Aprendi a ler e a escrever com um familiar, mas escrevo com muitos erros. Peço que me desculpe tudo isto».

Da carta do Vereador da Cultura – Rui Ribeiro, que fora meu aluno, e eu era, na altura, director adjunto do jornal – respigou-se a seguinte passagem:

«[...] sugiro-lhe que contacte o *Jornal da Costa do Sol*, pois é um periódico com boas tradições na divulgação das produções escritas dos municípios e respectivos leitores.

A produção escrita deste género convém vir publicada em tempo próximo, o que só poderá ser conseguido através de um jornal de periodicidade regular como o jornal do nosso concelho».

Acrescentou-se então:

«Foram oito os poemas enviados e, se atendermos ao currículo da sua autora, o mínimo que podemos dizer é que muito frequentemente a poesia singela do nosso povo pode ter maior significado cultural e melhor conteúdo do que rimas tecnicamente bem marcadas e pensamentos superiormente elaborados».

Publicaram-se cinco poemas.

Na edição de 8 de Setembro, na rubrica «Diz o leitor» (p. 2), deu-se a conhecer a carta do poeta, escritor e pintor Pedro Falcão (pseudónimo literário de Dom Simão do Santíssimo Sacramento Pedro Cotta Falcão Aranha de Sousa Menezes – 1908-2000):

«Deixe-me agradecer-lhe entusiasticamente por ter dado no *Jornal da Costa do Sol* não só guarida, mas o relevo que merecem, aos encantadores poemas (autênticas flores de campo) dessa «menina da serra» que se chama Isolina Alves Santos.

[...] Ao contrário do que ela pensa, frequentou, portanto, desde criança, a maior e mais alta escola que existe: a Escola da Natureza. Bem sei que há muito quem a tenha frequentado e nada tenha aprendido e guardado. Mas ela era uma alma atenta e sensível e tudo o que sofreu, viu e gozou foi guardando com cuidado na sua alma de menina delicada que a poesia escolheu para «morar». E agora tem vontade de nos mostrar as lindas flores que lá escondeu com tanto amor.

[...] Ainda bem que decidi publicar estes comovedores poemas, porque, a meu ver, revelar ao público a existência no nosso concelho de um caso como este é uma das missões mais importantes que um jornal virado para a cultura da região cascaense como o *Jornal da Costa do Sol* pode cumprir.

E com que singela verdade, filosofia e observação crítica esta menina do campo consegue, em dois poemas tão simples como «Aviso de mãe» e «Paz», dar uma grande lição crítica à nossa louca e hipócrita sociedade actual!

Há muito quem se admire ao ver a poesia instalada numa pessoa tão simples como a Isolina Santos. Não eu, pois sei que a simplicidade e a maturidade fazem parte da «móvel» que ela mais gosta de encontrar nas «casas» que ela escolhe para «morar».

E houve mais outro «móvel» que ela foi encontrar naquela singela flor da serra: foi a espontaneidade. Já dizia o grande Keats:

«Se a poesia não nasce tão espontaneamente como as folhas duma árvore, vale mais que não nasça nunca»¹.

¹ John Keats, poeta romântico inglês (1795-1821). A frase citada por Pedro Falcão vem na "Carta a John Taylor" (27/02/1818), publicada, por exemplo, in *Selected Letters of John Keats*. Massachusetts: Harvard University Press, 2009.

Na p. 3 dessa edição, houve oportunidade de incluir o poema «O amor» e na p. 4 do jornal de 22 de Setembro, inserimos «Jóia velhinha».

Qual não foi, porém, o nosso espanto quando, datada de «Estoril, 5 de Outubro de 1988», recebemos outra carta, assinada por Ernesto Guerra da Cal, «Professor Emeritus of Comparative Literatura da 'City University of New York', membro da New York Academy of Sciences, Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa». Transcrevemo-la integralmente na p. 11 da edição de 13 de Outubro, juntamente com um dos outros poemas que nos fora remetido por Isolina, «Nobre lutador», a sua homenagem, a 26.8.88, aos bombeiros, numa altura em que os fogos grassavam pelo país.

Pelo seu interesse, como se aperceberá, não poderia deixar de – também aqui – fazer a transcrição da quase totalidade do que o ilustre académico nos escreveu:

«Nos números desse *Jornal* correspondentes aos dias 18 de Agosto e 8 e 22 de Setembro tive a prazenteira surpresa de encontrar algumas composições da autoria de Isolina Alves, poeta popular (*poetisa*, neste caso, seria termo inadequado). O qualificativo de *popular* a classifica como pertencente a uma espécie em vias de extinção. Os poetas populares – e Portugal ainda os tem, embora já rareiem – são produto da cultura camponesa, cujo processo de desaparecimento se torna cada dia mais patente, vitimado pela massiva extensão da esterilizadora subcultura urbana electrónica que cinzentemente condiciona e uniformiza todas as formas diferenciadas da vida do espírito.

A poesia, toda a poesia, teve as suas origens mais primigénias no impulso criador do povo iletrado. Na Península Ibérica, tanto a língua primitiva galaico-portuguesa, como a épica medieval castelhana, brotaram dos lábios fecundos do povo, que espontânea e naturalmente cantava, acompanhando-se com os seus próprios instrumentos artesanais. Cantava os seus amores, os seus trabalhos, as suas dores e as figuras de heróis que impressionavam a sua imaginação – em cantigas, quadras e rimances. Essa voz, hoje quase totalmente silenciada – pelas forças do «progresso» acima aludido, foi a primeira que se fez ouvir poeticamente. Muito antes de que nos palácios dos grandes senhores e nas cortes dos grandes monarcas se trovasse, já o povo improvisava as suas canções, danças e recitativos. As nossas 'cantigas de amigo' têm essa origem – na vida e na imaginação criadora das gentes do trabalho do agro e do mar. Ou na dos jogaais, criaturas também saídas dos estratos mais humildes

do edifício social, cuja função profissional era a de entreter – em troca de umas moedas ou de umas vidualhas – plebeus, burgueses e senhores, nas praças, nas tabernas e nos castelos. E não deixa de ser para nós hoje significativo o facto de ao longo de toda a Idade Média não encontrarmos essa divisão que mais tarde haveria de separar rigorosamente a “poesia popular” da “poesia culta”. Efectivamente, nos nossos velhos *Cancioneiros* onde viria a ser coligida a nossa rica lírica primitiva, vemos lado a lado reis e jograis: as trovas do grande D. Afonso X, o Sábio, de Castela, e as do seu neto, D. Dinis, de Portugal – sobre os quais a História tanto nos conta – aparecem, numa perfeita democracia poética, juntas com as cantigas de um jogral tão humilde como Martim Codax, cantor das “ondas do mar de Vigo”, de quem apenas o nome nos ficou, ou de Meendinho, ainda mais anónimo, pois nem sequer sabemos se essa denominação é um diminutivo de “mendo” ou uma alcunha alusiva ao seu pequeno tamanho. E as mencionadas “cantigas de amigo”, de origem e feito essencialmente populares, são as que ainda hoje mais intensamente nos deliciam. Muito mais do que as “cantigas de amor”, produto de uma tradição literária e palaciana.

Nos nossos dias, a poesia popular, a autêntica, restrita ao meio social onde ela nasce, fica, infelizmente, inédita na sua originária forma oral; limitada a círculos de expansão cada vez mais reduzidos ou como apanágio de ranchos mais ou menos “folclóricos”. Porque essas ambiências vitais já agora dependem, quase totalmente, da esmagadora e embrutecedora presença musical fornecida por *cassettes*, discos, rádio e televisão.

Isolina é uma das últimas representantes desses “poetas naturais”, que outrora supriram as necessidades líricas de todas as populações rurais; que deles também dependiam funcionalmente, para as letras de cantigas e bailados, baptizados, casamentos, aniversários, festas patronais. Isolina compõe poesia desde sempre, por um imperativo iniludível de expressão interior. Desde a sua infância e adolescência, desde menina e moça, pastora virgem de letras, quando repetia oralmente os seus poemas até os decorar – e, mais tarde, alfabetizada, pela via da imperfeita escrita, ela nunca deixou, até hoje, de poetar. Eu sou amigo de Isolina, conheço-a, estimo-a, admiro-a e honro-me muito, como poeta que sou, com a sua amizade. Exemplar mãe e avó, mulher de rosto franco e alegre, transbordante de vitalidade, de cordialidade e de nobreza. Sábia,

com aquele saber do povo, todo de experiência feito. Sabedoria essa que só se obtém pelo contacto harmónico, em anos formativos, com a natureza e as suas verdades eternas, em comunicação laboriosa e existencial com ela. A criação poética desta cantora simples dessas verdades naturais, e outras mais singularmente subjectivas, é bem mais rica do que essas belas cantigas – que o *Jornal* publicou – amostram. Posso dizer que a leitura duma boa parte desse acervo manuscrito muito estimulou a minha sensibilidade».

E o professor termina, dirigindo-se ao vereador da Cultura, solicitando-lhe que dê todo o seu apoio à publicação da obra de Isolina.

Tive oportunidade de, a 15 de Dezembro de 1991, no programa «A falar é que a gente se entende», que mantinha em Rádio Clube de Cascais, falar com Isolina e com outro poeta popular do concelho, Celestino Costa. Ambos me manifestaram a vontade de verem os seus versos publicados em livro e assim começaram as diligências para concretizar o que ambos desejavam e que Ernesto Guerra da Cal preconizara para o caso de Isolina.

José Manuel Fernandes, presidente da Junta de Freguesia de Alcabideche – Isolina residia em Bicesse, uma das aldeias da freguesia –, aceitou que o n.º 2 de *Al-Kabdaq*, boletim cultural da Junta, fosse inteiramente preenchido com a primeira selecção de poemas. Datado de 1991, esse número viria a ser apresentado a 22 de Junho de 1992, com a presença do Subsecretário de Estado da Cultura, Doutor António Sousa Lara, tendo o actor João Vasco, do Teatro Experimental de Cascais, dito alguns dos poemas. Uma cerimónia emotiva, muito concorrida, que marcou, pois, o início da consagração de Isolina Alves Santos.

Entretanto, tivera eu próprio a honra de entregar, a 24 de Maio desse ano de 1992, ao Professor Ernesto Guerra da Cal, em Londres, onde então vivia, um exemplar autografado do livro – o que, naturalmente, muito o sensibilizou.

A obra

Coube-me a responsabilidade de ir seleccionando o que se me afigurou mais significativo do muito que Isolina havia escrito e continuava a escrever. A Junta de Freguesia de Alcabideche nunca regateou o seu apoio e, por conseguinte, as edições lá se foram fazendo.

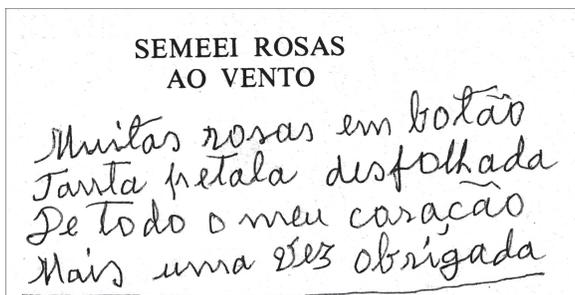


As capas dos quatro livros de Isolina

1. *Semei Rosas ao Vento* (1991, ²1996)

Dei ao primeiro livro o título de *Semei Rosas ao Vento*, porque se me afigurou ser esse poema um dos que melhor retratava o que fora a vida de Isolina: as dificuldades – simbolizadas nos espinhos – e a sua perene atitude de bem-fazer («semear rosas»).

Quadra autógrafo
dedicatória
no livro
“Semei rosas
ao vento”



Dividi-o, no entanto, em duas partes: a segunda teve o título da obra, à primeira chamei um dos versos que se me afigurou mais adequado ao retrato que da vida de Isolina se poderia traçar: «se ser poeta é pecado...».



Na verdade, essa quadra inicial cala fundo, na sua aparente simplicidade. Aliás, o que surpreende em Isolina é que tudo parece brotar naturalmente, qual água límpida duma brecha em rocha montanhosa. Depois, lendo melhor, alcança-se uma profundidade inesperada. Ora veja-se: a poeta, confessando implicitamente a sua religiosidade, aceitaria continuar como é, como se sente realizada, mesmo que essa atitude pudesse colidir com a sua ética religiosa: «Sou uma pecadora». E os dois versos seguintes resumem uma vida: «De criança um triste fado / Mas alma de sonhadora». A noção de infância prende-se com o sonho; a tristeza, apanágio primeiro do fado-destino, contrapõe-se à alma que sonha. Como se fazer poemas constituísse mui reconfortante colírio a suavizar agruras. Quem o saberia proclamar assim, com tamanha simplicidade?

Se, perante a religião, fazer versos poderia ser acoimado de pecado a requerer penitência, perante os outros, ser poeta é, amiúde, sintoma de alguma loucura. Isolina disso teve consciência e não hesitou: «Ser louca mas pequenina / É uma forma de coragem, / Quando se é gente fina / Ser louco tem mais vantagem». Na verdade, a loucura não pode desgarrar-se do estatuto social. No caso dela, «pequenina», vantagens reais não teria. Palavras poucas, de facto; acutilância maior!

Tanto Pedro Falcão como Ernesto Guerra da Cal sublinharam a atenção com que Isolina olhava a Natureza e dela recebia lições. Escolhi, nesse âmbito, o poema «Fábula de amor». A poeta vê «na campina verdejante» uma linda flor e logo dali nasce a fábula dum diálogo imaginado com a abelha que pólen lhe vem pedir: «A florinha mais alegre / À sua amiga sorriu / E, baloiçando ao de leve, / Suas pétalas abriu...». Lemos. Ficamos quietinhos. A terna mensagem passou.

2. Percorri a Minha Terra (1993)

Constituem os passeios uma das actividades normais dos centros de dia. Isolina, reformada, passou a estar integrada num deles. Escrevi bem: «integrada», pois há utentes que ali estão por estar, não têm outra alternativa, olham passivamente para o lento e angustiante passar das horas, dias e dias

regulados pela tristonha monotonia das tarefas a obrigatoriamente cumprir. Isolina, não! Integrou-se, viveu!

Por isso, os passeios foram sempre para ela motivo de alegre inspiração. Atendendo, pois, aos muitos poemas que davam conta de um Portugal percorrido de Norte a Sul, *Percorri a Minha Terra* foi o tema que se me afigurou mais ajustado para, em torno dele, seleccionar poemas.

Começámos, portanto, pela sua terra de origem – que ela jamais esqueceu e à qual não deixou de dedicar muitos dos seus versos, inclusive em recordações de infância. Um livro cuja edição o Município de Pedrógão Grande, na altura presidido por Manuel Henriques Coelho, não hesitou em patrocinar. Aliás, o volume foi mesmo apresentado em Pedrógão, por ocasião da inauguração, pelo Secretário de Estado da Cultura, José Manuel Frexes, da nova Biblioteca Municipal, a 24 de Julho de 1994.



Inauguração da Biblioteca de Pedrógão Grande pelo Secretário de Estado da Cultura de então, Dr.

Manuel Frexes. *Da esq. para a dir.:* - o Dr. José Manuel Gonçalves Silva (Presidente da Assembleia Municipal), o Eng.º Manuel Frexes (Secretário de Estado), o Eng.º Mário Fernandes (Presidente da CM de Pedrógão Grande), a poeta Isolina Alves Santos e o Professor Dr. José d'Encarnação, na sessão de apresentação do livro (o que tem na capa castanha a Ponte Filipina sobre o Rio Zêzere) nas instalações da Biblioteca Municipal inaugurada nessa data, a 24 de Julho de 1994, Dia do Município. (1994_Arquivo Municipal_CMPG)

Dividi o volume em partes a que procurei dar títulos sugestivos: «Num corcel de fantasia», «Pedrógão, terra bendita», «Minha Lisboa velhinha», «Eu quis comprar e comprei», «Ao calor do sol ardente».



Inauguração da Biblioteca pelo Secretário de Estado da Cultura Dr. Manuel Frexes. *Da esq. para a dir.:* Eng.º Mário Fernandes (Presidente CM Pedrógão Grande), a poeta Isolina Alves Santos, o Prof. Dr. José d'Encarnação, o vereador Eng.º António Pena e a Dr.ª Manuela Cruz (técnica responsável pela Biblioteca). (1994 _Arquivo Municipal_CMPG)



Inauguração da Biblioteca de Pedrógão Grande pelo Secretário de Estado da Cultura Dr. Manuel Frexes. *Da esq. para a dir.:* Eng.º Mário Fernandes (Presidente CM Pedrógão Grande), a poeta Isolina Alves Santos, o Prof. Dr. José d'Encarnação (1994 _Arquivo Municipal_CMPG)

Em cada poema, um apontamento subtil a demonstrar a permanente atenção. Assim, estão bem presentes as recordações de Pedrógão: «E o relógio da torre / É belo o seu badalar / Para avisar os pastores / Que são horas de almoçar».

Em relação ao Alentejo – perdoar-me-á o leitor se a minha escolha é mesmo aleatória, ao sabor dum desfolhar sem nexos – cativa-a o sobreiro e há toda uma envolvimento que, espontaneamente, lhe sabe com maestria emprestar: «Ao calor do Sol ardente / No meio do sobreiral / ouvi cantar docemente / a toutinegra real». A árvore, a toutinegra, as pessoas: «Os homens iam cantando / Uma cantiga dolente / E a cortiça vai tombando / Caindo ao chão indiferente». Venha daí o pintor para lhe aquarelar estes versos!...



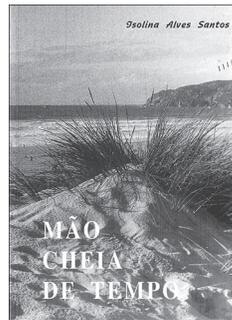
Dessa antologia há um poema que, a meu ver, demonstra à saciedade a alma poética de Isolina. Incluímos Timor nessa «minha terra». Timor que, a 12 de Novembro de 1991, sofreu o massacre no cemitério de Santa Cruz, em Díli. Isolina não lhe foi indiferente. Viu a reportagem na televisão, ouviu as vozes de fundo e... o seu poema «Timor», de seis quadras, termina nesta: «Estão tão longe de nós / Ou estão perto outra vez / Porque a sua triste voz / Ainda reza em português». Que poeta há aí que, emocionalmente, melhor poderia retratar o sentimento?

3. *Mão Cheia de Tempo* (1994)

Na introdução a este terceiro livro, não pude deixar de expressar quanto o convívio com a poesia de Isolina me havia ensinado e surpreendido:

«Fascina, de facto, esta Mulher singela a derramar no papel quanto se lhe acumulou na alma. Assim, numa forma esbelta, desataviada, sem preocupações de estilo – que a rima lhe sai espontânea, as imagens brotam fáceis do labutar diário.»

Numa época em que – aparentemente – mal se dispõe de tempo para parar; em que parece nos roubaram a capacidade de saborear a vida – Isolina é mestra nesse meditar. E não é verdade que, afinal, há sempre «uma mão cheia de tempo» para nos encontrarmos connosco próprios, para ouvirmos os outros (as crianças, os velhos...), para – sem auscultadores de artifício, isolantes do que nos rodeia, dramáticos fomentadores de solidão – nos determos perante brincadeiras de meninos («borboletas multicores / bailando pelo jardim»), noivas amendoeiras, dançares de folhas outonais, a guerra de paz dos bombeiros, o choro da terra nas malhas da poluição...?



Dividi este livro em duas partes:

– *Doze meses de caminho* reúne reflexões que a autora, pelos anos fora, foi passando a escrito, a propósito do ciclo anual, desde o dia primeiro até ao tempo em que «na lareira a lenha arde» e «somente pela tarde / o frio fica mais brando». Caminhada lenta, no atalho, musguento ou pedregoso, que decidimos palmilhar.

– *Mão cheia de tempo* é ramalhete lírico, de preocupações, sonhos, ternuras... Filosofia da Vida!

E recomendo, no final, que se não o leia sofregamente, mas sim, por exemplo, ao deitar, «nos instantes cinzentos do nosso existir. Nas manhãs beijadas pela meiguice dum sol de mil promessas. Quando – como no sonho impossível de Ícaro – nos apetece voar...». E termino com uma das quadras mais saborosas: «Se por tão longos caminhos / as minhas asas quebrar / Guardarei os pedacinhos / para o vento os não levar».

Mas – que se me perdoe o reatar de citações! É que ia a fechar e uma página saltou: «Na areia fina da praia / Fui fazer um buraquinho / Para esconder a maldade / Que encontrei pelo caminho».

Mão Cheia de Tempo foi apresentado a 4 de Dezembro de 1994, no Salão Paroquial de Alcabideche.

4. Alcabideche no sabor dos versos meus (2003)

Como que a vontade de regressar, de olhar de novo derredor, a terra e as gentes que tanto a haviam acarinhado. Também é de minha responsabilidade o título, depois de muitas e naturais hesitações. Também para ele escrevi uma apresentação, por onde perpassa, de facto, o que foi esta caminhada com uma Senhora «virgem de letras», como lhe chamou Ernesto Guerra da Cal, mas com sabedoria tamanha.

Quis eu que os títulos das diversas partes do livro fossem escritas pela sua própria mão – que se perpetuasse a sua grafia!

Tenho pejo, confesso, em realçar deste último volume um qualquer poema que seja, tão diferentes eles são. Quiçá ouse chamar a atenção para o último, em que ensaiou um ritmo diferente, em versos de quatro sílabas, de fuga:

*Eu sou Outono
Folha caída
Coisa sem dono
Tara perdida.*

Vi-me forçado a comentar:

«Não é – nesse abandonado desdém.

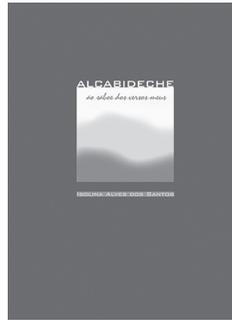
Que o Outono se veste de mil variedades castanhas, da magia do rebusco, um nevoeiro de mistério...

Que, mesmo caída, a folha atapeta veredas, irrompe em húmus de fertilidades futuras.

Que, 'sem dono', as coisas a todos acabam por pertencer.

Que perdida, hoje, a tara nunca o está e ei-la que ressurge, tempos depois, reciclada e florescente! A servir-nos, com terno sabor, apetitosas madrugadas. Serra de Sintra em fundo, velas de moinhos prontas a assobiar! Sussurro manso, a desafiar nortadas!».

Este 4.º livro foi apresentado a 29 de Junho de 2003, no recentemente inaugurado equipamento social de Bicesse, localidade onde Isolina viveu e onde está o Jardim com o seu nome Isolina Alves Santos.



Apresentação, em 29 de Junho de 2003, de "Alcabideche no Sabor dos Versos Meus",
justamente em Alcabideche.

No ciclo das estações
deixei versos a cantar

Epilogo

«Confortada com os sacramentos da Santa Madre Igreja, adormeceu no Senhor, em Alcabideche, no passado dia 28 de Julho de 2014, Isolina Alves Santos, com 93 anos de idade».

Anunciado desta já inusitada forma, o falecimento pode causar admiração; corresponde, porém, a uma bem reconfortante realidade, pois retrata o que foi a sua existência.

Tivera um braçado de rosas no dia do lançamento do livro *Semeei Rosas ao Vento*; teve-o também sobre a singela sepultura onde repousa. Os seus versos, plasmados na singeleza da forma, mas fecundos de muito saber, não a deixarão esquecer!

Cascais, 24 de Fevereiro de 2024

Jose' d'Encarnação

